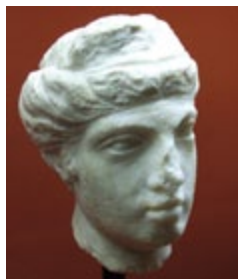
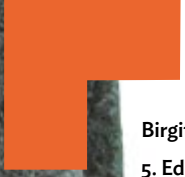


os ROMANOS

NA PENÍNSULA IBÉRICA



**CIDADES, MONUMENTOS,
VILLAS E MUSEUS: UM
GUIÁ PARA VISITAR O
LEGADO ROMANO
EM PORTUGAL
E NA ESPANHA.**



Birgit Wegemann
5. Edição, 2022
Edições de Arqueologia
da tipografos.net
ISBN: 978-989-95875-1-9



Os Romanos NA PENÍNSULA IBÉRICA

Autor: Birgit Wegemann.

Compilação de factos históricos,
fotos e paginação: Paulo Heitlinger.

ISBN: 978-989-95875-1-9

Copyright 2011 – 2022 by Birgit Wegemann & Paulo Heitlinger.

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa e para
todas as outras línguas.



Fotos da capa: Busto de uma jovem, fotografado
no Museu Monográfico de Conímbriga.

O famoso Templo romano de Évora.

Ambas fotos: Paulo Heitlinger.

COMO USAR ESTE E-BOOK

O índice remissivo e o índice de temas oferecem ao leitor links interactivos. Clicando com o o rato sobre estes links «salta» imediatamente para a página referenciada. Também as referências cruzadas (...veja página xy...) oferecem esta interactividade.

Venda do formato e-book: termos e condições

Este livro é vendido em forma de exemplar personalizado, que identifica digitalmente o seu proprietário. O livro/PDF pode ser impresso pelo proprietário e partes escolhidas também poderão ser projectadas em sala de aula, por exemplo – se for esclarecida qual a origem deste documento e a sua autoria.

O proprietário deste exemplar também poderá copiar curtos trechos de texto, para simplificar o processo de citações. Contudo, o exemplar comprado não poderá ser transferido a outras pessoas! A «transferência» deste exemplar a outra pessoa que não o seu comprador é facilmente detectável e servirá para o autor optar imediatamente pelos procedimentos jurídicos que considere necessários, para salvaguardar os seus interesses comerciais e os seus direitos de autor.

SALVÉ, LEITORES!

O meu interesse por coisas romanas vem de longa data. Menina e moça, no *kindergarten* gostava mais de brincar aos «romanos e germânicos» do que aos «índios e cowboys». O facto que tive que aprender latim na escola não ajudou muito; esqueci-me de quase tudo (*rosa, rosæ, rosarum* – e depois?)

Foram as continuadas excursões que fazia a sítios arqueológicos que continuavam a estimular a minha fantasia e curiosidade pela cultura e civilização romanas. Mais tarde, tive a sorte de viver



A autora deste livro (que é cantora lírica) foi ao palco testar a acústica do Teatro Romano de Mérida. Plenamente satisfeita, aponta agora para a colonata do famoso teatro, onde todos os verões se celebram festivais de teatro, ópera e música clássica. Este impressionante

teatro ao ar livre foi reconstruído durante o reinado do imperador «espanhol» Trajano, e uma segunda vez, por Constantino, o Grande. É o teatro romano da Península Ibérica que está em melhor estado de conservação e onde se continua a representar regularmente.

alguns anos em Colónia. Esta importante metrópole da Alemanha foi fundada pelos Romanos como uma colónia para legionários veteranos; importantes vestígios arquitectónicos estão espalhados por toda a cidade, de maneira que o convívio com este belo património era quase diário.

No famoso *Römisch-Germanisches Museum* admirei algumas das mais belas peças de cerâmica, arte e artesanato romano.

Quando mudei o meu centro de actividades para Portugal, fiquei muito feliz por encontrar aqui outras importantes manifestações do legado romano. O relatório que faço neste livro-roteiro das minhas «descobertas» por Mérida, Olisipo, Conímbriga, Miróbriga, Ossónoba, Milreu, etc., tem uma única finalidade: contagiar-vos com este interesse pela civilização que é a base da minha e da vossa cultura.

Cabe-me aqui agradecer ao Professor Dr. Felix Teichner (DAI), docente na Goethe Universität de Frankfurt e sempre activo em escavações de sítios romanos no Algarve, a sua preciosa colaboração e generosidade no acesso às suas pesquisas. Igualmente agradeço ao Dr. Rui Parreira (IPPAR), as explicações que nos deu sobre as suas diversas actividades arqueológicas, em Alcalar e Milreu.

A actualização mais recente deste livro foi feita em 2021.

Birgit Wegemann



Uma jovem toca guitarra:
Lápide funerária da jovem
música Lupata.
MAR, Mérida. Foto: p.h.



Índice de temas

INTRO	3
Salvé, leitores!	3
LINHA DO TEMPO	8
ANTES DOS ROMANOS	10
A Cultura castreja	12
Passeando pelos castros no Norte de Portugal....	13
Muros e fossos	15
Citânia de Briteiros	16
Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.....	18
Castro de São Lourenço, Esposende	19
Castro do Pópulo, Alijó	20
Citânia de Sabroso (Guimarães)	21
Cividade de Terroso, Póvoa do Varzim.....	22
Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.....	27
Castro de Santa Luzia, Viseu.....	29
Idade do Ferro.....	30
As Pedras Formosas	32
Balneário castrejo de Braga.....	34
Alto das Eiras.....	35
Pedra Formosa do Alto de Quintães	37
Castros em Espanha.....	38
Castro de Baroña	39
Castro de Borneiro, Galiza	40
Escritas da Península.....	41
Estátuas indígenas, inscrições latinas	42
Casco de Leiro.....	44
A resistência celtibérica.....	47
Os Fenícios	49
Escrita do Sudoeste	51

O IMPÉRIO ROMANO	52
O Legado de Roma	53
As legiões de Roma.....	55
Diplomas militares	56
Vencidos e rendidos	57
Tratados documentados em metal	58
As Províncias.....	59
Leis romanas	60
Tabula Lougeiorum	63
A colonização romana	64
Minas e Metais	66
Matéria-prima com selo de origem	67
As minas de Vipasca.....	69
As minas de ouro romanas em León	71

A REDE VIÁRIA	73
Estradas romanas.....	73
Marcos miliários	75

PEIXE • SAL • GARUM	77
Garum algarvio	83
Na Taberna	85



Fragmento de mosaico. Museo de Tarragona.

IMPERADORES	88
Júlio César	89
Augusto	91
Nero	94
Nerva	95
Trajano	96
Vespasiano	97
Adriano.....	98
Diocleciano.....	98
Constantino Magno	99
Teodósio, o Grande.....	100

CIDADES DA HISPÂNIA	101
Mérida	102
Conímbriga	103
Coimbra {Aeminium}	108
Os vira-casacas de Olisipo	112
Capital marítima da Lusitânia	114
Dois irmão gregos	118
Tróia, Sado	119
Basílica páleo-cristã	123
Olarias de ânforas	123
Olaria da Quinta do Rouxinol	125
Miróbriga	126
Sines e Ilha do Pessegueiro	128
Bobadela	131
Tongóbriga	132
Bracara Augusta	134
Lugo	137
Chaves	139
Beja	139
Mértola, Baixo Alentejo	140

Évora.....	141
Ammaia, Marvão	143
Faro	147
Balsa (Tavira).....	147
Itálica, a primeira cidade	149
Écija {Colonia Augusta Firma Astigi}	152
Baelo Claudia, Andaluzia	154
Fábricas (usinas) de conservas de peixe	155
Tarragona, cidade-museu	158
ARQUITECTURA	162
Mestre Vitrúvio.....	162
Construção duma ponte	163
Ponte de Lima.....	165
Pontes, arcos, aquedutos	166
Aqueducto de Segóvia	169
Aqueducto de Almuñécar	172
Ponte sobre o Rio Pônsul	174
Ponte de Vila Ruiva.....	176
Ponte Romana de Vila Formosa	178
Itinerarium Antonini	182
Génios da Construção	183
Alvenaria romana	185
Banhos e termas	189
VILLAS ROMANAS	190
Milreu (Estói)	191
De Estácio da Veiga a Félix Teichner.....	194
São Cucufate, Alentejo.....	196
Villa de Pisões, Alentejo.....	200
Torre de Palma, Monforte	202
Cerro da Vila, Vilamoura	203
Rabaçal, prelúdio bizantino	204
Centum Cellas.....	206

Villa Cardílio	206
Villa de Santa Vitória do Ameixial	207
Prazo, Freixo de Numão.....	208
Villa de Vale do Mouro (Coriscada, Mêda).....	211
A CULTURA ROMANA	212
A transformação do latim em português	212
O alfabeto latino.....	217
Letras eternas	218
Romana, a primeira letra global.....	219
O Tesouro de Idanha-a-Velha.....	221
Expansão à escala mundial.....	224
Pintura de letras.....	228
Comércio global	229
Metais: fundidos e batidos.....	233

CERÂMICA	238
Olarias na Hispânia	241
Terra sigillata	248
RIQUEZA E LUXO	252
Moralistas contra a decadência	253
A bela púrpura da Lusitânia	255
Arte do vidro.....	257
Vidro esculpido	260
A MULHER NA SOCIEDADE ROMANA	266
A moda feminina	268
COMÉDIA E TRAGÉDIA	271
Teatro de Mérida	271
Teatro Romano de Olisipo	272
Teatro de Itálica.....	273

Cerâmicas romanas no Museu da Cidade de Lisboa. Foto: ph.



Teatro de Cartagena	274
Altar de Cayo César	277
Teatro de Baelo Claudia	278
Nos palcos romanos	279
Música e dança	281

PINTURA 284

MOSAICOS	286
Desenho e pintura nos pavimentos	286

ESCULTURA 298

Bronze, mármore, marfim	299
O Efebo de Antequera, um bronze hispânico ...	300
Rea Silvia	303

Os JOGOS 304

Gladiadores, feras, pão e circo	309
Circo e Anfiteatro de Mérida	310
Anfiteatro de Itálica	311

DEUSES & DEUSAS 312

crenças e superstições	312
Culto de Cristo	314
O culto de Mitra	315
Defixio: maldito sejas!	319

O CULTO DOS ANTEPASSADOS 322

Ampla diversidade nas sepulturas	324
Que a terra te seja leve.....	329



O FIM DO PODER ROMANO 331

Godos em terras hispânicas.....	331
---------------------------------	-----

MUSEUS, POR ORDEM ALFABÉTICA 334

Promontorium Sacrum	336
Espanha	340

ROTEIROS ROMANOS 343

Rota de Mérida	344
Passeios em Olisipo.....	344
Rota Centro	344
Rota alentejana	345
A costa do garum.....	345
Rota Norte	346
Rotas Espanholas	346

GLOSSÁRIO 347

Termos latinos e o seu significado	347
--	-----

ÍNDICE REMISSIVO 356

BIBLIOGRAFIA 365

Os autores	368
------------------	-----

Linha do tempo

«— antes da nossa era

República Romana: desde o fim do Reino de Roma em -509 até ao estabelecimento do Império Romano em -27.

-340: Roma submete os povos mais próximos.

Júlio César (100-44)

Augusto: imperador de 27 a.n.E. a 14 n.E.



-753: Segundo a lenda, fundação de Roma por Romulus.

IV		III		II		I		
400	350	300	250	200	150	100	50	0
A partir do final do século IV A.N.E.: ascensão de uma nova potência no Mediterrâneo: a República Romana.		Segunda Guerra Púnica (-218 – 201).				-139: Ocupação de Conímbriga.		
		-218: Começa a ocupação da Península Ibérica.				-130 – 120: Resistência de Viriato, um líder das tribos lusitanas.		
		-205: Olisipo alia-se aos Romanos.				-27: Divisão da Hispânia em três províncias.		
		-206. A cidade de Itálica nasce como um povoado de veteranos de guerra.				-16: Bracara fundada por César Augusto.		

ALTO-IMPÉRIO é a designação usado pelos historiadores para a primeira metade do período histórico que cobre o Império Romano. Compreende o seu auge, em plena expansão do modo de produção escravista e de todas as expressões da civilização dita clássica, sob o sistema de governo denominado Principado – tal como o estabeleceu Octávio César Augusto em fins do século I a.n.E., até à dinastia dos Severos. A expansão territorial, que já era característica do período republicano, continua através da anexão de zonas fronteiriças em directo contacto com os «povos bárbaros». A progressiva extensão da cidadania romana estende-se a todas as províncias.

Nossa Era —»

Constantino {272 – 337}, foi proclamado «Augusto» pelas suas tropas em 306 e governou até à sua morte.

313: Constantino publica o Édito de Milão.

Adriano: imperador de 117 a 138.

Trajano: imperador de 98 a 117.

Nerva: imperador de 95 até 98.

I		II		III		IV	
0	50	100	150	200	250	300	350

Augusto funda Mérida em 25.

Tongóbriga: construção iniciou-se no alvor do séc. II n.E.

Augusto (século I) faz em Conímbriga importantes obras de urbanização, tendo sido construídos os banhos públicos e o primeiro fórum.

Na villa de Milreu apareceram bustos da imperatriz Agripina (séc. I), do imperador Adriano (séc. II) e do imperador Galieno (séc. III).

A segunda villa de São Cucufate foi construída em meados do século IV.

O declínio da Hispânia é acelerado pelas invasões dos Suevos e Visigodos.

BAIXO-IMPÉRIO é o período da história romana que tradicionalmente se inicia em 192 n.E. com o assassinato de Cómodo e que se caracteriza por uma crescente instabilidade política e económica, que conduzirá ao fim do Império.



Cavalinho impresso em gesso. Museu de Conímbriga



ANTES DOS ROMANOS

A Península Ibérica viu, cerca de 1000 a.n.E., chegarem povos de origem celta, que coexistiram com os autóctones, habitando regiões distintas: os Celtas viviam na zona Norte e Ocidental da península, enquanto que os Ibéros viviam na zona Sul e Leste. Na Meseta Central, os Celtas mesclaram-se com os povos ibéros, dando origem aos Celtibéros...

Ornamentos celtas ondulam sobre as «pedras formosas» – os elementos mais emblemáticos da *Cultura castreja*. Os castros, que opuseram forte resistência à invasão romana, eram núcleos populacionais concentrados, em isolamento defensivo. Povoados por etnias celto-ibéricas, lideradas por uma elite guerreira. Os castrejos dedicavam-se à criação de gado, constituindo a carne, o leite e os seus derivados a base de alimentação.

Os principais povoados foram erguidos sobre colinas de substrato granítico, e as populações castrejas utilizaram amplamente este material para a construção das muralhas, feitas de blocos de granito toscamente recortados. As plantas destes assentamentos são geralmente circulares ou ovaladas.

Na cultura dita *castreja*, as casas (habitações) também possuíam planta circular ou elíptica, com cerca de 5 metros de diâmetro. Os estábulos de pedra também têm plantas circulares. As paredes eram formadas por pedras unidas com cascalho, sem qualquer argamassa.

Possuíam piso de saibro batido; no interior, num canto, uma lareira, revestida de argila; ao centro, um buraco para um poste que suportava a estrutura de cobertura, de colmo, material perecível e de formato cónico.

Protegidos por várias linhas de muralhas, os castros tinham variados tamanhos e tipologias. O número total de castros no Noroeste da Península Ibérica pode rondar os 4.000 ou 5.000, o que indica uma elevada densidade populacional para a época.

A *Cultura castreja* é uma das mais representativas da Arqueologia da Galiza. Abrange um período que vai do século VIII a.n.E. até o século I n.E. A partir deste século, já dominada pelos Romanos, transforma-se em *galaico-romana*. A cultura estendia-se pela actual Galiza, norte de Portugal – distritos de Minho e Trás-os-Montes, ao norte do rio Douro e no norte ocidental da Península Ibérica (Astúrias).

Para o período que compreende o auge da *Cultura castreja*, esta região era constituída por duas zonas distintas: litoral e interior.

O conhecimento arqueológico destas zonas é desigual; ao litoral (costa marítima), com mais de 100 anos de escavações contínuas, relativamente bem documentadas, opõe-se o interior, quase totalmente desconhecido. O espólio encontrado em numerosos castros, como, por exemplo, a peça cerâmica mostrada ao lado, revela claramente a adaptação cultural e social aos invasores romanos.

A Citânia de Briteiros é um dos mais representativos exemplos da cultura castreja. Prepare a sua visita acedendo online a

citania.csarmento.uminho.pt

Acesso a partir de Guimarães pela EN 309

GPS: N 41° 31' 39,94" / W 8° 18' 57,93"

A cerâmica castreja mostra uma diversidade morfológica e decorativa dentro da grande unidade que lhe é conferida pelos aspectos técnicos. Integra grandes talhas (*dolia*) para armazenagem, uma variedade de vasos de cozinha, com panelas, potes e vasos típicos de asas interiores, de ir ao lume em suspensão, e pequenas taças para beber e outros recipientes em geral fabricados em pastas micáceas com a superfície externa alisada por vezes com engobe e decorados com motivos geométricos rectilíneos e curvilíneos dispostos em alinhamentos simples na parte superior do bojo.

De fabrico manual e com decorações incisas, numa segunda fase da evolução da cerâmica castreja aparece a introdução da técnica de estampagem. Imagem: Cerâmica exposta no Museu da Cultura Castreja - Briteiros.

Fotos: ph./bw.





A Citânia de Sanfins (imagens nesta página) é um representativo exemplo dos povoados da Cultura castreja no Noroeste peninsular. O vasto panorama sobre toda a região de Entre-Douro-e-Minho, que dela se abrange, terá sido o factor estratégico para implantar sobre esta altura um importante povoado. Este castro foi escolhido, na sequência da campanha militar de Décimo Júnio Bruto (138 – 136 a.n.E.) até à ocupação romana do

Noroeste (29 – 19 a.n.E.), como capital dos povos galaicos, dos Brácaros, situados na margem direita do Douro. O grande aglomerado da Citânia de Sanfins terá resultado da congregação de diversas comunidades – por motivos estratégicos sequentes à campanha militar do mencionado Décimo Júnio Bruto, desempenhando, então, o papel de uma pequena capital regional. Informações detalhadas em www.citaniadesanfins.com

Os povos castrejos foram definitivamente derrotados pelos Romanos em 137 a.n.E., invadidos desde a Lusitânia pelas tropas de Décimo Júnio Bruto, o *Galaico*. A Gallæcia romana ocupava aproximadamente a área da cultura castreja, mais ampla do que o território da Galiza actual. Os Romanos tiveram em conta

a homogeneidade e as particularidades culturais anteriores à conquista. Para melhor controlar a província Gallæcia, os invasores latinos serviram-se da organização pré-existente, caracterizada pela existência de diferentes povos {*populi*}, cada um deles integrado por um certo número de castros.

A CULTURA CASTREJA

Obviamente, a Península Ibérica já era habitada antes da invasão romana. A partir do século VI a.n.E., numa ampla zona entre os rios Douro e Návia e a Oeste do Maciço Galaico, desenvolveram-se os assentamentos chamados *castros*. A visita das ruínas destes povoados – recomendo as citânias de Briteiros e de Sanfins – permite observar as etapas de ocupação indígena e as posteriores, definidas por elementos mistos de cul-

tura castreja e da assimilação parcial da cultura romana.

Como se pode ver na *Citânia de Briteiros*, na de *Sanfins* e em muitos outros locais, os castros eram povoados fortificados, quase sempre localizados no topo de colinas ou montes que permitiam o controle dos campos em redor. Estes montes tinham fontes ou pequenas ribeiras; naqueles castros mais desprovidos de água, eram construídos reservatórios, para abastecimento e para melhor resistir aos cercos.



PASSEANDO PELOS CASTROS NO NORTE DE PORTUGAL

Caminhando sobre as lajes das ruas da Citânia de Briteiros.



Mas os invasores romanos também destruíram muitos castros, devido à resistência feroz dos povos castrejos; alguns foram aproveitados e expandidos, tornando-se cidades romanas. Aos castros, os Romanos deram o nome de *castella*, nome que aparece em inscrições sob a forma abreviada de um C invertido. Alguns castros têm grandes dimensões

e complexas estruturas proto-urbanísticas, tanto quanto as ruínas e os vestígios de superfície ainda deixam antever. As ruas pavimentadas com lajes são muito semelhantes às que os Romanos construíam nas cidades, pelo que muitas vezes resulta impossível determinar se são de origem castreja, ou posterior.



O Monte Mozinho (perto de Penafiel) é um povoado que se pode classificar «castrejo», mas que foi fundado já na época romana, no século I n.E. Fortificado com duas linhas de muralhas, possui uma extensa área habitada, com cerca de 22 hectares, e mostra diversas reformulações urbanísticas, sendo possível observar núcleos de casas-pátio de tradição castreja, com compartimentos circulares e vestíbulo, e também

mais complexas habitações romanas de planta quadrada ou rectangular. Na parte superior do castro destaca-se a muralha do século I, cuja entrada era flanqueada por dois torreões. O topo do castro é coroado pela «Acrópole», delimitada por um espesso muro, mas sem construções interiores.

As escavações no Castro de Monte Mozinho tiveram início em 1943. Parte significativa do espólio encontra-se no Museu de Penafiel.

«Dizem que os Lusitanos são hábeis em armar emboscadas e descobrir pistas. São ágeis, rápidos e de grande destreza. Usam um pequeno escudo de dois pés de diâmetro, côncavo para diante, que é preso ao corpo por correias de couro, porque não têm nem braçadeira nem asa. Usam também um punhal ou um gládio. A maior parte dos guerreiros veste couraças de linho e apenas alguns têm cotas de malha e capacete de tríplice cimeira, usando geralmente elmos de fibras. Os peões calçam polainas de couro e estão armados com lanças de ponta de bronze.»

Estrabão, historiador e geógrafo grego (64 a.n.e. — 25 n.e.), do tempo dos imperadores romanos Augusto e Tibério.



Pedras de granito, ornamentadas com as linhas sinuosas características da decoração celta. Museu de Briteiros.



Guerreiro galaico, estátua exposta no Museu

Arqueológico de Braga. São estátuas de granito, em posição estática, com escudos circulares e com a mão direita tocando a adaga que levam ao cinto.

Fotos: p.h.



MUROS E FOSSOS

As linhas de defesa dos castros eram realizadas com uma sequência de fossos e muralhas, capazes de manter afastados durante muitos dias os possíveis invasores.

A imagem em baixo mostra os muros «ciclópicos», na Citânia de Sanfins. *Construção ciclópica* é o nome dado a um tipo de edificação feito com grandes pedras sem que se use argamassa ou cimento para fixá-las. Diferem dos megalíticos por possuírem *aparelho*, que pode ser irregular, mais ou menos poligonal e semi-esquadrado, ou bem ciclópico, propriamente dito. *Aparelho* é o termo que, na Arqui-

tectura e na Engenharia, designa a técnica para disposição ou forma na qual pedras e tijolos são assentados.

Os tijolos ou pedras são assentados numa parede, muro, arco ou cúpula de modo que, ao serem dispostos em ligamento uns com os outros, a sua junção seja aumentada, dando maior solidez e estabilidade.

Em baixo: Muros de aparelho ciclópico na Citânia de Sanfins, um dos principais castros de Portugal.

Está localizada no distrito do Porto, concelho de Paços de Ferreira, freguesia de Sanfins de Ferreira.



Em cima: uma massiva muralha de pedra aparelhada do **Castro de Briteiros**, perto de Guimarães. A muralha é imediatamente sucedida de um fosso, para dificultar ainda mais a entrada de assaltantes ou invasores. Fotos: ph.

CITÂNIA DE BRITEIROS

Juntamente com a Citânia de Sanfins, este povoado fortificado da II. Idade do Ferro do Noroeste Peninsular, localizado nas proximidades de Guimarães, poderá ter assumido funções de lugar central de uma eventual unidade política que congregaria diversos castros.

Embora parte significativa das estruturas que se observam actualmente tenham sido edificadas já durante o período da Romanização desta região, a maioria dos aspectos que caracterizam este povoado fortificado podem ser imputáveis a épocas bem mais anteriores.

Localizado numa plataforma elevada, com um bom domínio da paisagem onde se insere, esta citânia era defendida por mais de uma linha de muralhas, construídas com o material pétreo típico da zona, ou seja, com blocos graníticos. E seriam estes mesmos panos de muralha que acabavam por delimitar as grandes áreas familiares, no interior das quais se edificavam as típicas habitações – também elas com muro granítico, erguido até um terço da sua altura real –, de planta predominantemente circular.

Esta última constitui, um dos traços característicos da casa castreja da *II. Idade do Ferro do Noroeste Peninsular*. Maioritariamente circular, este tipo de habitação familiar tinha cerca de 5 metros de diâmetro e as paredes eram constituídas por duplo paramento, um interno, e outro externo.

Para além da lareira, no interior da casa vê-se um buraco centralizado, no qual se fixava o poste que sustentava a cobertura, que era constituída de materiais pere-



cíveis e de forma cónica, como, aliás, se deduz da planta circular da própria habitação. Além disso, eram adossados dois muros à porta de entrada, de

Castro de Briteiros, habitações redondas. Os pedreiros da Cultura Castreja realizaram bons trabalhos de cantaria – bem patente nas pedras de granito, bem desbastadas, aparelhadas e picadas, que formam os muros das casas e dos estábulos dos castros. O trabalho de erguer muralhas, habitações, muros de sustentação e suporte, enquadramento de ruas e espaços comunitários exigiu o corte, o transporte e a arte de um número apreciável de operários especializados no trabalho da pedra. A técnica construtiva aplicada na construção de muros e muralhas é o chamado aparelho ciclópico, em granito. Foto: ph.

maneira a delimitar um átrio onde decorreriam muitas das actividades domésticas.

Algumas destas casas formariam conjuntos mais alargados, aos quais pertenceriam outras estruturas de características comunais (possivelmente também para guardar gado, que, em conjunto com a agricultura, formaria uma das bases essenciais da economia destas gentes), e que equivaleriam a diferentes «famílias alargadas», perfazendo o conjunto mais abrangente da citânia, no seu todo.

Encontrou-se numa zona isolada desta citânia uma considerável edificação circular, com cerca de 11 metros de diâmetro, com bancos corridos à volta, que faz supor a prática de reuniões, num exercício de administração do povoado, que alguns estudiosos consideram ter assumido a forma de um conselho de anciãos.

À semelhança da *Citânia de Sanfins*, este povoado terá constituído uma das faces visíveis dum processo que implicou a substituição de pequenas unidades populacionais (dos chamados «castros agrícolas»), por agrupamentos bastante mais significativos. É o que alguns autores pretendem concluir com base na análise espacial desta citânia, onde os alinhamentos das ruas parecem enquadrar vários núcleos autónomos de um determinado número de habitações, como que formando quarteirões ou bairros.

Vm dos elementos que mais destacam esta Citânia no seio da cultura castreja do Noroeste Peninsular (também presente noutros povoados fortificados deste tipo), é a *Pedra For-*



mosa. Descoberto no século XIX, este artefacto foi alvo de diversas teorizações, tendo preponderado durante bastante tempo a ideia de que serviriam como «fornos crematórios», relacionados com rituais funerários. Contudo, as investigações dos últimos anos têm vindo a apontar para a sua interpretação como parte estruturante de balneários, como indica o facto de serem sistematicamente encontrados junto a fontes ou linhas de água nas zonas mais

baixas dos povoados. Visita virtual: <http://citania.csarmento.uminho.pt/default.asp?language=1>

Bibliografia

- Cardozo, Mário. *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*. 11.^a ed., Sociedade Martins Sarmento. Guimarães. 1990.
Coutinhas, José Manuel. *Aproximação à identidade etno-cultural dos Callaeci Bracari*. Porto. 2006
Silva, Armando Coelho Ferreira da. *A Cultura Castreja do Noroeste Peninsular*. Paços de Ferreira. 1986

CITÂNIA DE SANFINS, PAÇOS DE FERREIA

A Citânia de Sanfins localiza-se na freguesia de Sanfins de Ferreira e a parte sudoeste na freguesia de Eiriz, ambas no concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto. As ruínas estão classificadas pelo IPPAR como Monumento Nacional.

É uma das mais importantes zonas arqueológicas da civilização castreja na Península Ibérica. Surgiu por volta do século I a.C. e ocupa uma área de cerca de 15 hectares, numa colina integrada numa zona de montanhas de afloramentos graníticos, num local estratégico entre a região do Douro e do Minho.

Há vestígios da ocupação do local desde o século V a.n.E, embora a grande cidade tenha sido a do tempo dos calaicos, criada entre os séculos II e I a.n.E. Nessa época, estima-se que tenham lá vivido três mil pessoas, uma população que vivia de trabalhar o ferro, com grande vocação guerreira, ficando outras actividades económicas, como a agricultura, a cargo de outros castros dos arredores, dela dependentes.

Era a cidade-sede de uma região mais vasta, que abrangia as actuais Valongo, Maia e Penafiel. Os primeiros estudos devem-se aos historiadores Francisco Martins Sarmento e a Leite de Vasconcelos. As escavações iniciaram-se em 1944 e prolongaram-se por mais de cinquenta anos.

A Citânia estava protegida por várias linhas de muralhas defensivas, que se adaptam ao terreno,

A Citânia possui mais de cento e cinquenta construções de planta circular e rectangular, agrupadas em cerca de quarenta conjuntos de unidades familiares. Recentemente foi restaurado um núcleo familiar. Foto: ph.



com uma planificação regular e arruamentos ortogonais. O edifício destinado aos banhos públicos destaca-se pela sua técnica e por possuir a “Pedra Formosa da Citânia de Sanfins”.

“Dizem que alguns dos povos das margens do rio Douro vivem à maneira dos Lacónio (Esparta).



Untam-se com óleo duas vezes (por dia) em lugares especiais e tomam banhos de vapor, feito com pedras aquecidas pelo fogo e (depois) banham-se em água fria.”

“De dia a dia bebem cerveja e, raramente, vinho. O pouco que conseguem, depressa o consomem nas festas familiares... nesses banquetes sentam-se em bancos construídos ao redor dos muros, ocupando os lugares segundo a idade e a dignidade. A comida circula de mão em mão. Enquanto bebem, bailam e fazem coros ao som da flauta e da trombeta, dando saltos no ar e caindo de joelhos...”

CASTRO DE SÃO LOURENÇO, ESPOSENDE

A povoação castreja foi construída num dos esporões rochosos que compõem e caracterizam a cadeia montanhosa que ladeia a faixa costeira no Norte de Portugal.

O ponto onde se encontra o Castro de São Lourenço é um dos mais defensivos de toda a arribaa, com vertentes escarpadas e pedregosas voltadas a Sul e ao mar e uma coroa formada por uma imponente massa granítica.

Escassos fragmentos cerâmicos apontam para que este povoamento tenha nascido entre o século VII e o VI a.n.E. As habitações do castro foram construídas com pedra – a matéria-prima usada a partir do século IV a.n.E., nas diversas construções que compunham a aldeia.

Até à Romanização (século I a.n.E.) as casas distribuíam-se dentro da área urbana, sem critérios definidos, sem alinhamento ortogonal. As ruas, de pequeno porte, e espaços de circulação empedrados, eram providos de canais para escoamento das águas da chuva.

Nos séculos II até I n.E. foram construídas casas redondas, cobertas com palha, que viriam a ser destruídas por um grande incêndio, o que haveria de conduzir a uma grande remodelação em toda a aldeia com novas casas, dispostas em patamares, sustentados por poderosos muros de suporte, por sítios onde o terreno se apresentava mais declivoso.



Foi também por esta altura que foram introduzidos acrescentos à área coberta das casas com os vestíbulos ou «caranguejos» e alguns empedrados, verdadeiros espaços de circulação que pretendiam ordenar uma anárquica distribuição dos antigos modelos habitacionais, numa disposição mais organizada e de acordo com os princípios da ortogonalidade do urbanismo romano.

Dessa altura é a distribuição das casas por núcleos familiares, organizados em redor de um pequeno espaço lageado e contornado por muros que poderão, nas zonas em declive, funcionar também como muros de suporte.

Os núcleos familiares comportavam três ou mais estruturas cobertas e a entrada far-se-ia a partir dos arruamentos, dificilmente rectilíneos, devido aos condicionamentos topográficos e à existência de estruturas que não puderam ser des-

As escavações começaram em 1985, no seguimento de destruições provocadas por uma pedreira. Procedeu-se à consolidação de estruturas habitacionais; várias casas foram restauradas.

manteladas na altura em que o castro foi sujeito a uma grande remodelação.

O ponto central de cada núcleo era o espaço lageado para o qual se abriam as portas de diversas construções, fossem elas habitação, arrumos, currais ou celeiros.

O lageamento facilitava a circulação, dificultava a infiltração de água nos alicerces das casas e permitia que funcionasse como eira na secagem de frutos e cereais.

Em bronze e em ferro foram forjados instrumentos que vão das picas e martelos aos instrumentos agrícolas, aos utensílios para cortar e trabalhar a madeira, a um conjunto de armas – punhais, espadas, pontas de lança, pontas de seta, capacetes e peças que decoravam escudos – e de objectos de adorno e nestes, sobretudo, as tão características fíbulas que sobressaíam nas roupas que se envergavam.

Oficinas onde se misturava estanho e cobre para se obter o bronze houve-as em São Lourenço – como o comprovam bocados de cadinhos e muitas escórias e fragmentos de bronze. Tais descobertas permitem supor que alguns objectos de adorno seriam fabrica-



dos aqui – por exemplo as fíbulas que têm vindo a aparecer.

As mais antigas cerâmicas do Castro de São Lourenço são pequenos fragmentos atribuíveis ao início do I. milénio a.n.E. Eram vasos de paredes espessas, fabrico grosseiro, manual. Manuais, sem torno de oleiro, continuaram os fabricos dos mais antigos vasos cerâmicos castrejos, de pastas de coloração beje, castanha e rosada, com elevados teores de mica e areia a darem consistência a uma pasta cuja cozedura oxidante ou redutora atingia temperaturas não muito elevadas.

Usados para armazenamento de líquidos e cereais e na cozinha, ostentam por vezes uma intensa decoração onde os motivos mais típicos englobam SSS, círculos concêntricos, triângulos e besantes. A roda de oleiro, que aqui se

divulgou a partir da segunda metade do século I a.n.E., traduziu-se numa padronização morfológica e decorativa das peças. As formas enveredaram, sobretudo, pelos perfis em S e pelo fundo raso.

Nas pastas optou-se cada vez mais pelos desengurdorantes micáceos; a cozedura ganhou qualidade numa atmosfera oxidante e na decoração passaram a dominar as técnicas de incisão e de estampagem numa superfície alisada ou razoavelmente bem polida. Nessa altura multiplicaram-se os grandes vasos de armazenamento, as painéis de suspensão de ir ao lume e as pequenas taças e vasos acampanulados que, entre outras funções, serviriam para beber.

O Castro de São Lourenço situa-se em Esposende, na freguesia de Vila Chã, num dos cumes que integram a zona. Subindo até ao alto, tem-se uma visão ampla sobre toda a orla costeira onde desagua o Rio Cávado, desde a Apúlia, passando por Ofir, Esposende e a Foz do Neiva. A beleza do local é imensa, pelo verde dos campos que contrasta com o escuro do mar e as dunas de areia salpicadas de casas. Formava, em conjunto com Bagunte, Terroso, São Roques, Santa Luzia, Cividade de Âncora, Coto da Pena e Santa Tecla, uma estrutura litoral linear, que controlava, por certo, a navegação de cabotagem na Proto-História.



Castro do Pópulo, Alijó. Foto: Jorge Neto

CASTRO DO PÓPULO, ALIJÓ

O castro do Pópulo (ou Castelo São Marcos) é um povoado fortificado da Idade do Ferro situado na freguesia do Pópulo (concelho de Alijó). No cume de um morro, delimitado pela primeira linha de muralhas, encontra-se o núcleo do povoado castrejo, onde se situavam as habitações.

O Castro de Pópulo situa-se na extremidade do planalto de Alijó, numa zona onde proliferam pequenos lameiros e chãs com potencialidades agrícolas.

É um castro de média dimensão, com duas linhas de muralhas, bem preservadas, em alguns locais com três metros de altura. A segunda linha

delimita um espaço de maior amplitude onde foram detectados fragmentos cerâmicos típicos da Idade do Ferro e alguns vestígios de romanização. Nesta plataforma, integra-se a Nordeste um pequeno torreão circular, e ainda pequenos derrubes de pedras possivelmente constituintes de estruturas habitacionais. A técnica construtiva aplicada na muralha interna é ciclópica, em granito.

Este castro foi parcialmente destruído aquando a construção de uma capela (mesmo no topo), que viria a destruir as duas linhas de muralha a Sul. Não têm sido alvo de trabalhos de reconstrução e conservação.

O acesso pode ser efectuado a partir da EN 580 que conduz até ao Vale de Cunho. O castro situa-se a cerca de 1 km do cruzamento desta estrada com a N 212 (a EN 580 desemboca no recinto da igreja da Senhora da Boa Morte).

CITÂNIA DE SABROSO (GUIMARÃES)

Povoado da Cultura castreja com uma linha de muralhas. Dentro do muro, encontram-se cerca de 35 casas redondas e vestígios de outras três de planta rectangular com os cantos arredondados.

Não mostra vestígios de Romanização, ao contrário da vizinha Citânia de Briteiros. Edificado durante a Idade do Ferro, este povoado fortificado encontra-se implantado no cimo de um monte de pequenas dimensões, não muito longe da Citânia de Briteiros.

Iniciada a sua investigação em 1878, por Martins Sarmiento, foi registado um sistema defensivo com uma única linha de muralhas erguida com blocos graníticos assentes em seco, em aparelho poligonal, que chegam a atingir entre 3 e 5 metros de altura e os cerca de 4,5 m de espessura.

Após a escavação de Martins Sarmiento, em 1878, não se desenvolveram novas escavações até 1958, ao contrário do caso da Citânia de Briteiros, não muito longe, onde Mário Cardozo coordenou trabalhos de escavação e restauro durante décadas, no século XX.



Muralha do Castro de Sabroso, espólio da Idade do Ferro do Museu de Braga.

A vinda de uma brigada inglesa da Universidade de Oxford a Sabroso, coordenada por Christopher Hawkes, tentou implementar novas metodologias de escavação arqueológica em Portugal.

Se nos anos cinquenta já se faziam no Norte da Europa escavações com análise da sobreposição dos estratos de ocupação e respectiva datação, com registo gráfico de todos os contextos, em Portugal, as «escavações arqueológicas» consistiam em fazer desaterros, abrindo trincheiras.

Infelizmente, muitos sítios arqueológicos de Portugal foram selvaticamente escavados desta forma, frequentemente por pessoas que não tinham formação adequada, simples curiosos. Consequentemente, os únicos registos existentes são alguns textos publicados, mas nenhum registo técnico, não permitindo portanto uma reinterpretação dessas escavações. Além disto, em Portugal, entre a década de 20 e inícios da década de 70, as investigações arqueológicas e históricas foram norteadas por um paradigma fascista-nacionalista.

A intervenção de Charles Francis Christopher Hawkes (1905 – 1992) no Castro de Sabroso, através de uma cooperação estabelecida com a *Sociedade Martins Sarmiento*, foi sim pioneira, mas não conseguiu que se mudassem os métodos seguidos. Mário Cardozo continuaria a fazer as suas trincheiras em Briteiros, apesar das merecidas críticas que lhe foram feitas por investigadores de outros países.

Entretanto, e 50 anos depois, falecido já C. Hawkes, o Castro de Sabroso, a algumas centenas de metros do *Ave Parque*, padece de uma praga de *Acacia Dealbata* (mais conhecida como mimosa), que tem dificultado uma valorização, esperando-se que uma requalificação florestal de todo o monte possa aniquilar a invasão da planta australiana.

Rua Castro de Sabroso (EN 585)

4805 Sande São Lourenço, Guimarães.

CIVIDADE DE TERROSO, PÓVOA DO VARZIM

Um dos castros mais fortemente fortificados, pois estava circundado por três cinturas de muralhas. Estas muralhas terão sido construídas ao longo do crescimento do povoado.

A Cividade de Terroso foi erigida no topo do Monte da Cividade, na freguesia de Terroso, na Póvoa de Varzim, a menos de 5 km da costa. Situada no coração da região castreja, a Cividade prosperou devido a estar fortemente amuralhada e pela sua localização próxima ao mar que possibilitava o comércio com as civilizações do mar Mediterrâneo.

O povoamento do Terroso terá começado entre 900 e 800 a.n.E., como consequência da deslocação das populações residentes na planície fértil de Beiriz e na Várzea da Póvoa de Varzim. Isto é suportado pela descoberta de fossas ovóides, escavadas em 1981 por Armando Coelho, tendo sido recolhidos fragmentos de quatro vasos do período anterior ao início do povoamento da cidade. Assim, faz parte dos castros mais antigos, tal como os castros de Santa Luzia ou de Roriz.

Durante as Guerras Púnicas, os Romanos tomaram conhecimento da riqueza da região castreja em ouro e estanho. Décimo Júnio Bruto liderou a campanha para o domínio da região castreja, acabando por destruir a Cividade por completo. Mais tarde foi reerguida e romanizada. A região foi totalmente pacificada durante o domínio de César Augusto. Na planície litoral foi criada uma villa romana, propriedade dos Euracini.



Foto: ph./bw.

A actividade piscatória desenvolveu-se com um complexo fabril romano de salga e transformação de pescado. A partir do século I n.E. e durante o período imperial dá-se o progressivo abandono da Cividade.

Em 1980, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim convidou Armando Coelho para trabalhos arqueológicos. Mais tarde, o município adquire os terrenos da acrópole e constrói o pólo arqueológico da Cividade de Terroso na sua entrada.

A cidade foi erigida a 152 metros de altitude, o que permitia uma excelente posição de vigilância de toda a região. Um dos lados, a Norte, estava bloqueado pelo monte de São Félix, onde terá surgido um castro, o Castro de Laundos, que terá servido de posto avançado.

As movimentações de Túrdulos e Célticos provenientes do Sul da Península Ibérica em direcção a Norte (referidas por Estrabão) terão motivado a melhoria dos sistemas defensivos dos castros por volta de 500 a.n.E.



Foto: ph./bw.

As muralhas, compostas por grandes blocos, sem argamassa, estavam adaptadas ao relevo do monte. As faces de acesso mais fácil (Sul, Este e Oeste) possuíam muralhas altas, largas e resistentes; enquanto as que se encontravam em terreno com declives abruptos eram menos cuidadas, limitando-se a reforçar as particularidades locais.

Isso está visível nas estruturas descobertas a Este que apresentam um forte sistema defensivo que atinge 5,30 m de espessura. Enquanto que a Nordeste, a muralha foi construída aproveitando o granito natural que foi apenas coroado por um muro de pedras.

A entrada, que interrompia a muralha, apresenta um lajeado de 1,70 m de largura. O perímetro defensivo parece ter sido complementado por uma vala de cerca de 1 metro de profundidade e outro de largura no sopé do monte. No interior dos três anéis de

muralhas existem ainda ruínas de grande diversidade, de destacar os recintos funerários, que são raros no mundo castrejo.

Cada um dos quadrantes da Cividade está dividido em núcleos em torno de um pátio familiar quase sempre lajeado e divididos por duas ruas principais que se inter cruzam. Algumas casas possuíam um átrio.

No seu apogeu, a cidade teria perto de 12 hectares e nela habitavam várias centenas de pessoas. Esta cidade passou por várias fases de urbanização: durante os primeiros séculos, as pequenas habitações eram construídas à base de elementos vegetais misturados com barro.

As construções em pedra só começaram a tomar forma no século V a.n.E., material que passou a ser utilizado devido ao progresso com o fabrico de picos de ferro. As construções desta

época são circulares com diâmetros entre 4 e 5 metros e com paredes com 30 a 40 cm de espessura. As pedras de granito eram fracturadas ou lascadas, para serem posicionadas em duas fiadas, com a face mais lisa para o exterior e interior da casa. O espaço entre as pedras era preenchido com pequenas pedras e argamassa de saibro.

Na última fase da Cividade, a fase romana (com inícios em 138-136 a.C.), após a destruição por Décimo Júnio Bruto, dá-se uma reorganização urbana com recurso a novas técnicas construtivas e alteração de formas e dimensões. Principalmente com o aparecimento de estruturas quadrangulares, em substituição das circulares tipicamente castrejas. As coberturas deixam de ser de origem vegetal e passam a ser feitas com tegula.

As pedras usadas nesta fase para a construção das habitações eram quadrangulares; mantendo-

-se o esquema de duas fiadas, mas o espaço interior era mais largo e preenchido por saibro ou barro e pedras de pequeno ou médio tamanho, resultando em paredes mais espessas, com 45 a 60 cm.

Os núcleos familiares, compostos de quatro a cinco divisões circulares, envolviam um pátio lajeado para onde convergiam as portas das diferentes divisões. Estes pátios centrais tinham papel importante na vida familiar e eram onde se desenrolavam as actividades diárias familiares. Estes núcleos seriam fechados à chave, revelando a preocupação pela privacidade das famílias.

O interior das construções da segunda fase, anterior à romana, possuía pisos de barro ou saibro. Alguns destes pisos eram decorados com a impressão de cordas, desenhos ondulados e impressão de círculos, especialmente nas lareiras. Na fase de influência romana, estes pisos tornaram-se mais cuidados, densos e espessos.

Os núcleos familiares eram divididos por arruamentos estreitos com espaços algo públicos. Os dois arruamentos principais tinham a orientação típica romana do *decumanus* e *cardium*.

O *decumanus* seguia da muralha a Nascente para Poente e flectia-se ligeiramente para Sudoeste a partir do encontro com o Cardium (arruamento Norte-Sul), terminando na entrada da Cidade. O acesso exterior realizava-se por uma descida até ao caminho que ainda hoje é utilizado para aceder à Cidade.



A população dedicava-se à agricultura de cereais e leguminosas, pesca, recollecção, pastorícia e trabalhavam os metais, os têxteis e a cerâmica. A população vivia principalmente da agricultura, nomeadamente com o cultivo de cereais como o Trigo e a Cevada, e de Leguminosas (a Fava) e a Bolota.

O concheiro encontrado na Cidade mostra que comiam Lapa, Mexilhão e Ouriço do mar – crus ou cozidos. A descoberta de anzóis e pesos de

Os dois arruamentos principais tinham a orientação típica do Decumanus e Cardium. O Decumanus (imagem em cima) seguia da muralha a Nascente para Poente e flectia-se para Sudoeste a partir do cruzamento com o Cardium (arruamento Norte-Sul), terminando na entrada da Cidade. Estes dois arruamentos principais dividiam o povoado em quatro partes. Cada uma dessas partes era composta por quatro a cinco «núcleos familiares». Foto: bw.

rede revela que já pescavam peixes como a Garoupa, o Sardo e o Robalo.

A cevada era cultivada para produzir uma espécie de cerveja. (A cerveja era desconsiderada por gregos e romanos que consideravam essa bebida de bárbaros, dado que estavam habituados aos vinhos.) A Bolota era triturada para criar uma farinha.

A cerâmica (taças e vasos) também foi evoluindo com a passagem de um sistema primitivo para o uso das rodas de oleiros. As ânforas e o uso do vidro só passaram a ser comuns com a Romanização. Estas ânforas serviam essencialmente para o transporte e armazenagem de cereais, frutos, vinho e azeite.

As formas cerâmicas são idênticas às encontradas noutros castros. A decoração dos vasos era do tipo incisivo, embora existissem também vasos espalutados e estampilhados. Aparece também a aplicação de cordões de barro, em forma de corda, revestidos ou não de incisões.

Nos vasos estampilhados são frequentes os desenhos em «S», designados de palmípedes, que poderiam ser acompanhados por outros motivos estampados ou incisos. Outras formas decorativas, que podem aparecer misturadas e com técnicas diversas, incluem círculos, triângulos, semicírculos, linhas, em zigue-zague, num total de cerca de duas centenas de motivos diferentes.

A tecelagem era bastante generalizada e também foi progredindo, em especial no período romano, tendo sido encontrados alguns pesos de tear e dezenas de cossoiros. A descoberta de tesouras veio reforçar a ideia da criação sistemática ovelhas para aproveitar a lã.



Foto: ph./bw.

Foram detectados numerosos vestígios de actividades metalúrgicas, e descobertas grandes quantidades de escórias de fundição, fíbulas, fragmentos de objectos em ferro e resíduos de outros metais, sobretudo chumbo, cobre/bronze, estanho e talvez ouro.

Foram encontrados «gatos» para reparação de cerâmicas, alfinetes, fíbulas, stili e agulhas em cobre ou bronze, revelando que o trabalho em bronze e suas ligas era uma das actividades mais comuns da Cividade. O ferro era usado para muitos objectos do dia-a-dia, sendo encontrados vários pregos, mas também anzóis ou ganchos e uma ponta de uma foice ou punhal.

Junto à porta da muralha (no Sudoeste do povoado) foi identificada uma oficina; neste local foram encontrados vários vestígios desta actividade tais como pingos e escórias de fundição de vários metais, minérios e outros sinais, designadamente a utilização do fogo com altas temperaturas.

A ourivesaria contribuiu para a imagem da Póvoa de Varzim como um dos locais de referência da Arqueologia Proto-Histórica do Noroeste peninsular. Na cidade foram recolhidos alguns trabalhos em ouro e prata por Rocha Peixoto. Em toda a serra de Rates são visíveis as explorações mineiras castrejas e romanas, dado que esta serra possuía ouro e prata essenciais para o fabrico de jóias.

Algumas fossas, por exemplo organizadas como um pentágono, adornam o lajeado da cidade; a sua função é desconhecida. O ritual funerário da Cidade, comum a outros povos pré-romanos do território português, consistia no rito da incineração, depositando-se as cinzas dos seus mortos em pequenas fossas circulares com paramentos de alvenaria no interior das casas.

Posteriormente, as cinzas passaram a ser depositadas no exterior das casas, mas dentro do núcleo familiar.

Em 1980, a descoberta de uma cista funerária, e de um vaso inteiro acampanado e fragmentos de outro sem cobertura evidenciam violação. Este vaso era muito semelhante a um outro encontrado no Castro de Laundos, este último com jóias no seu interior, o que supõe que estas jóias tinham o mesmo contexto funerário.

As visitas de Fenícios, Cartagineses, Gregos e Romanos tinham como o objectivo a troca de tecidos e vinho por ouro e estanho. Lembremos que



Foto: ph./bw.

Cidade de Terroso se localizava perto do mar e do Rio Ave. (Por via terrestre circulava-se pela *Via da Prata*, que era um caminho que seguia do

sul da península até ao nordeste.)

O comércio externo, dominado pelo estanho, era complementado com comércio interno entre as diferentes cidades e aldeias da Cultura Castreja que muito provavelmente trocavam entre si têxteis, metais (ouro, cobre, estanho e chumbo) e outros objectos incluindo produtos exóticos, tais como vidro ou cerâmica exótica, provenientes dos contactos com povos do Mediterrâneo ou de

outras áreas da Península.

Como visitar

O castro localiza-se perto do centro da cidade de Póvoa do Varzim. Siga a sinalética municipal.



No Castro de Laundos foi encontrado um vaso com jóias no seu interior, supõe-se que estas jóias tinham um contexto funerário. Museu de Póvoa do Varzim. Foto: ph.

CITÂNIA DE SANTA LUZIA, VIANA DO CASTELO

A “cidade velha de Santa Luzia” nos arredores de Viana do Castelo é um dos castros mais bem conservados. Localiza-se, como os outros castros da orla marítima, no topo de uma colina, com domínio sobre a paisagem envolvente, abrangendo a costa atlântica, o rio Lima e a zona montanhosa interior.

No século 8 a.n.E. já era habitada, mas o seu maior desenvolvimento deu-se com a Romanização, tendo mantido uma longa ocupação, pelo menos até ao século V, o que é sugerido por ter sido encontrado um conjunto de moedas dessa altura.

O sistema defensivo consistia de três linhas de muralhas e dois fossos. A muralha interior, a que se encontra melhor conservada, dispunha de torreões de reforço, no lado Norte, por onde o acesso ao povoado era mais fácil.

A terceira muralha, tal como uma grande área do castro a Sul, Sudoeste, foram bastante destruídas pela exploração de quartzo, abertura de estradas e construção do reservatório de água, pousada, jardins e o santuário (há vestígios de habitações castrejas nas proximidades da Basílica de Santa Luzia).

As habitações estavam agrupadas em quarteirões, separados por muros de divisão e dotados de caminhos em lajeado. As casas eram redondas ou



Da colina avista-se a maravilhosa paisagem envolvente, abrangendo a costa atlântica, o rio Lima e a zona montanhosa interior.

Fotos: ph/bw.

elípticas, com e sem alpendre, e, nalguns casos, rectangulares. Os pavimentos eram de saibro ou terra argilosa batida e existem vestígios de lareiras e de bancadas circulares ao longo das paredes.

Algumas casas têm fornos, escoadouro para a água da chuva e várias têm no exterior pias – que poderiam ser bebedouros para o gado. É famosa uma unidade habitacional construída com paramentos de aparelho helicoidal, que constitui uma das mais belas unidades domésticas castrejas conhecidas. No centro existe uma pequena acrópole murada da qual não se conhecem as funções.

Tal como noutros castros desta zona, em Santa Luzia encontram-se sobreposições das edificações, revelando que um primeiro castro foi destruído por um grande incêndio.

Além de uma função defensiva e protectora, em colaboração com os outros castros da faixa marinha (São Paio, Cividade do Terroso [\(veja página 22\)](#) e o Castro de São Lourenço [\(veja página 19\)](#)), por exemplo, este povoado estaria também relacionado com o comércio atlântico.

A vida diária estaria ligada à agro-pecuária e ao aproveitamento de frutos como a Castanha e a Bolota e dos recursos marinhos e fluviais, complementada por actividades artesanais de cerâmica, metalurgia, fiação e tecelagem.

Como visitar

O castro localiza-se perto do centro da cidade costeira portuguesa de Viana do Castelo, logo por trás da Pousada e da Basílica de Santa Luzia, facilmente detectáveis no



monte que domina Viana do Castelo. Para apoio à visita foram construídos pelo IGESPAR passadiços sobre-elevados. Caros visitantes: Limitem o vosso percurso aos caminhos definidos por esses passadiços, para não danificarem ainda mais as ruínas deste castro. A Citânia de Santa Luzia está classificada como Monumento Nacional desde 1926.



CASTRO DE SANTA LUZIA, VISEU

Implantado no topo de uma colina, situada nas proximidades de Abraveses, com um bom domínio sobre a paisagem envolvente, o «Castro de Santa Luzia» foi escavado ao longo da década de 1980.

As escavações identificaram estruturas características dos povoados de altura da Cultura Castreja. Destaca-se a muralha que envolvia a área habitacional, onde se encontraram alicerces de edificações, no centro das quais estavam vestígios de lareiras de barro modelado e endurecido pelo fogo.

O facto de se registarem sobreposições destas edificações, mostra um recinto que se desenvolveu em duas fases; a primeira, na Idade do Bronze (ao que tudo indica, destruída por um grande incêndio), a segunda, na Idade do Ferro. A cronologia radiocarbónica parece indicar que o povoado já existia nos dois últimos séculos do II. milénio a.n.E. (Senna-Martínez, João Carlos, 1998).

Tanto a destruição, como o abandono deste povoado castrejo parecem coincidir, tal como sucede noutros exemplares beirões, com achados de jóias de ouro e depósitos de bronze nas suas imediações, um fenómeno recorrente noutras áreas do Noroeste português.

A prospecção conduzida no local, no início deste século, permitiu avaliar o estado de conservação: bastante destruído na sua quase totalidade pela exploração de quartzo, aber-

tura de caminhos e colocação de algumas estruturas modernas.

A relevância deste sítio vai muito para além da face estruturante do povoado. Na opinião de alguns autores, estamos em face de um dos povoados desta região, onde, aliado à topografia e ao sistema defensivo, o espólio recolhido reportar-se-á a um *habitat* do Bronze Final, de algum modo integrado (ainda que esporadicamente) no denominado comércio atlântico, ao mesmo tempo que nas mutações sociais que o mesmo suscitou.

Referimo-nos a fragmentos de recipientes cerâmicos com decoração incisa pós-cozedura, dita de «tipo Baiões/Santa Luzia», de morfologia supra-regional, um correspondente local dos «ornatos brunidos» típicos das estações arqueológicas do Baixo Tejo. Em contra-

partida, a fíbula de dupla mola exumada em Santa Luzia apontará para a presença, já durante a Idade do Ferro, para uma influência do universo post-hallstático, aqui talvez a funcionar na sua qualidade de «bem de prestígio».

O castro de Santa Luzia constituiria um lugar central de um sistema de povoamento assomado nesta região durante o Bronze final, com a preocupação de ocupar locais com um bom controle visual sobre grandes extensões e, nomeadamente, pontos de passagem, conquanto dificilmente pudesse funcionar de modo independente como unidade de reprodução social, antes actuando como garantes de um equilíbrio regional, qual situação de «paz armada», possibilitando uma mútua cooperação que permitisse o funcionamento regular dos mecanismos de circulação de pessoas e bens indispensáveis ao sistema de «wealth finance» que fundamentaria a economia e o poder das elites locais.



IDADE DO FERRO

A designação de Idade do Ferro abarca o I. milénio a.n.E., época em que as comunidades habitavam povoados fortificados – castros –, que se distribuíam ao longo das bacias dos principais rios. Muitos desses povoados foram ocupados desde o Bronze Final, altura em que se construíram as primeiras fortificações.

No entanto, é na Idade do Ferro, posteriormente ao século VIII a.n.E., que se verifica a existência generalizada de recintos muralhados. Seguindo estratégias diferenciadas, a difusão deste modelo habitacional está associada a processos de territorialização destas comunidades proto-históricas, em áreas aptas, simultaneamente, para a agricultura, a recollecção e criação de animais. Entre os séculos VIII-V a.C. estes povoados fortificados parece terem vivido quase fechados, pouco interagindo entre eles.

A partir do século V a.C. verifica-se a sua progressiva organização em redes de complementaridade, de povoamento e de exploração de recursos. É neste contexto que alguns destes aglomerados populacionais se transformam em lugares centrais (oppida), de elevada concentração populacional e com uma organização em bairros.

A progressiva hierarquização dessas comunidades conduziu à integração dos respectivos povoados em unidades territoriais, de carácter regional e eventualmente étnico, que os Romanos viriam a designar por povos. A Idade do Ferro



Foto: ph./bw.

está associada à exploração intensiva dos solos agrícolas, ao controlo extensivo dos recursos naturais e ao trabalho da pedra, da olaria e da metalurgia do bronze e do ferro.

A cerâmica, de funcionalidade diversa, caracteriza-se pelo seu aspecto micáceo. Os objectos metálicos tornam-se mais abundantes, sendo crescente a utilização do ferro. Como reflexo do fenómeno de diferenciação e complexificação social, no seio das comunidades e entre estas, desenvolve-se a ourivesaria e a estatuária, em pedra, materializada nas esculturas dos guerreiros, tão característicos desta região.

O período que antecedeu o contacto com os romanos correspondeu a uma organização económica, social e política, solidamente hierarquizada, estruturada em unidades étnicas com ampla expressão territorial, como seria nesta região, o caso dos Bracari, que agregaram os castella ou castros. Este modelo organizacional conduziu à emergência de elites que viriam a desempenhar um papel decisivo na integração desta região no Império romano.

Espólio da Idade do
Ferro exposto no Museu
de Braga. Foto: ph.



As Pedras Formosas

A *Pedra Formosa de Briteiros* deve o seu nome à beleza da sua ornamentação. Ao longo de décadas, alimentou aceso debate entre os especialistas acerca da sua natureza e função. É um monólito de granito lavrado há uns três mil anos, com quase 3 metros de largura e mais de dois de altura. Presentemente, o monólito está exposto no Museu da Cultura Castreja, em São Salvador de Briteiros, próximo de Guimarães (imagem ao lado).

Apesar de pesar mais de cinco toneladas, já foi objecto de várias trasladações. A *pedra formosa* fazia parte dum balneário público da Citânia de Briteiros, composto por três espaços: átrio com um tanque onde caía a água corrente (para banhos frios), antecâmara de transição e câmara para banhos de vapor, como numa sauna nórdica.

O vapor era produzido lançando água sobre seixos aquecidos num forno adjacente a esta última câmara. A *pedra formosa* erguia-se entre a antecâmara e o espaço da sauna, permitindo o acesso só através da pequena abertura semicircular situada na sua base, concebida, diz-se,

A autora admira a Pedra Formosa no Museu da Cultura Castreja - Briteiros. Em baixo: a outra Pedra Formosa na «sauna» da Citânia de Briteiros. Foto: ph.



Passados mais de 70 anos sobre as obras de construção da Estrada Nacional 306, entre São Salvador de Briteiros e o Bom Jesus de Braga, o impacto sofrido pela Citânia de Briteiros é ainda uma das preocupações na conservação do sítio. Na abertura da primeira fase da estrada, em 1930, foi identificado o balneário actualmente visitável na Citânia (imagem ao lado), escavado pelo coronel Mário Cardozo, que conseguiu negociar um ligeiro desvio da estrada a fim de salvaguardar o monumento. Todavia, o traçado da segunda fase da obra destruiu, em 1932, parcialmente, uma estrutura comparável ao conjunto

descoberto dois anos antes. Mário Cardozo, tendo-a observado pouco depois da destruição, equiparou as ruínas remanescentes às que estudara em 1930, e que havia interpretado como «monumento funerário». A estrutura foi por ele desenhada, em perspectiva, e o pequeno espaço, bastante próximo da berma da estrada, foi vedado com arame, fixo em três esteios de granito. Numa publicação de 1935, Cardozo avançou com a proposta da localização original da Pedra Formosa, retirada de Briteiros no século XVIII, no sítio afectado pelo prosseguimento da abertura da estrada. Foto: bw.



para evitar a fuga de calor, mas suficiente (?) para permitir a passagem de uma pessoa.

As *pedras formosas* são os achados mais emblemáticos que os arqueólogos encontraram nas ruínas dos castros. Já se conhecem umas 17. Mas a que hoje se pode ser admirada no Museu da Cultura Castreja, em São Salvador de Briteiros, continua a ser 'a' Pedra Formosa: a maior, a mais bela, a que precedeu e deu o nome a todas as outras.

A denominação *pedra formosa*, seja formosa ou não, é dada ao grande monólito através do qual, nalguns dos edifícios com forno se fazia o acesso dos utentes à câmara de vapor. A sua existência foi detectada ainda antes do descobrimento das próprias saunas e remonta ao século XVIII.

A sua procedência – a Citânia de Briteiros –, e a sua talha excepcional suscitaram o interesse de eruditos como Silva, Francisco Martins Sarmento ou o epigrafista alemão Emil Hübner, que não coincidiram ao tentar desvelar o significado e a função da pedra.

Em 1930, também em Briteiros, descobriu-se uma nova *pedra formosa*. A «número dois». Esta peça conservava a sua posição original no edifício e o mistério ficou resolvido – pelos menos, em parte. Servia de entrada ao espaço sauna do balneário castrejo.

Desde então, na lógica do *pars pro toto* passou a designar-se por *pedra formosa* todo um balneário castrejo. Na sua modalidade mais convencional de monólitos, em geral profusamente decorados com motivos celtas, são característicos das saunas meridionais e contam com soberbos exemplos nos povo-

ados de Briteiros, Alto das Eiras ou Alto das Quintas. Nas saunas setentrionais como as do Navia, o trânsito à estância central e cabeceira devia realizar-se a través de painéis de madeira de cuja existência só restam rebaixes e buracos para o encaixe.

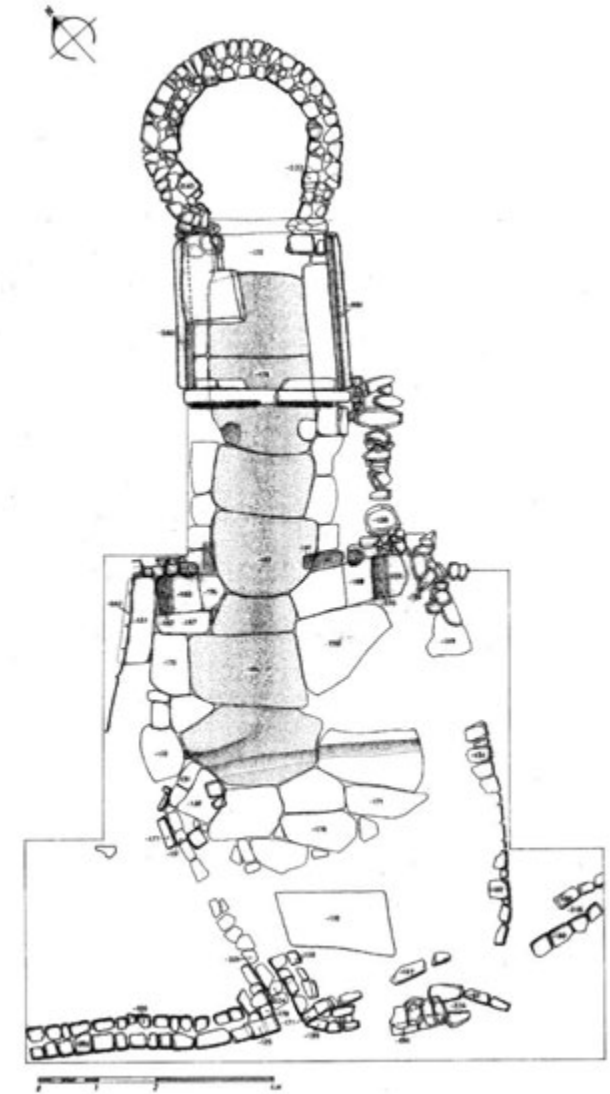
A função das pedras

A função destes magníficos tabiques monolíticos não seria outra que facilitar o isolamento e evitar a perda de calor na sala de vapor. Por esta razão, o acesso era feito através dum pequeno vão que favorecia a conservação da alta temperatura dentro da sauna.

Qual é o significado do programa ornamental desenvolvido sobre as mesmas e, por extensão, o da cerimónia (?) ou ritual (?) para a qual se conceberam edifícios tão singulares? Nenhum dos investigadores que abordaram a questão com seriedade duvidam da sua utilização como banhos de vapor e do seu sentido ritual.

Outra questão é a natureza da cerimónia desenvolvida, que para certos autores como M. Almagro ou J. Álvarez-Sanchís estaria vinculada com ritos praticados pelas sociedades guerreiras proto-célticas, enquanto que outros, como A. Coelho, se inclinam para a sua vinculação com cultos a divindades indígenas, como Nabia.

Noutro caso, a existência de pilhas graníticas de grandes dimensões, similares às conservadas na sauna do Castro de Coaña, parecem evidenciar uma certa relação com o meio aquático, talvez como protecções ou transposições ao povoado dum rito originado nos canais fluviais ou vinculado com divindades de natureza aquática.



Monte das Eiras, balneário. A «Pedra formosa» era uma grande estela, com a face exterior decorada, uma divisória entre a câmara de sauna e a antecâmara.

Junto do solo tinha uma pequena abertura, o único acesso ao interior, sob o qual os utilizadores faziam deslizar o corpo para entrar na câmara.



BALNEÁRIO CASTREJO DE BRAGA

O balneário castrejo de Bracara situa-se na nova Estação de Caminhos de Ferro de Braga. Situava-se a 300 m da muralha da (futura) cidade romana Bracara Augusta (*veja página 134*). Foi descoberto durante as escavações feitas na nova estação de comboios. É relativamente pequeno, com cerca de 4 metros de comprimento por 2 metros de largura. Foi construído durante a época castreja no noroeste da Península Ibérica.

O balneário foi construído semi-enterrado – uma característica típica da Cultura castreja. Tinha paredes em pedra e um tecto em lajes de pedra que encaixavam

nas paredes exteriores e numa viga central de madeira.

O interior estava dividido em três zonas, uma sala de sauna, um forno e uma sala intermédia de transição. Entre a sala intermédia e a sala de sauna existe uma grande laje com uma abertura semicircular, abertura que permitiria a entrada e saída da sala de sauna. A laje destinava-se a reter o calor da sala de sauna. No exterior existe um pátio com uma pia.

A água para a sauna vinha de uma linha de água que descia do actual centro da cidade até ao rio Cávado. A água que corria no pátio era destinada a banhos frios. Dentro do balneário, colocavam-se pedras pequenas, ou seixos, no forno, onde eram aquecidas a fim de provocar, juntamente com água, os vapores que eram conduzidos para a sala de sauna.

O balneário escavado no Castro das Eiras em 1990 trouxe novos dados para o entendimento destas estruturas de «sauna». Com dimensões anormalmente grandes, apresentava uma profusa decoração das grandes peças graníticas que o constituíam. Este balneário é um «equipamento de prestígio» pertencente a um grande castro construído já sob o domínio romano. Foto da Pedra Formosa: Henrique Matos.

O Alto das Eiras é uma das proeminências existentes na parte média duma linha de montes que da Serra do Carvalho descem na direção de Famalicão. O posicionamento do Castro das Eiras confere-lhe um controle visual sobre os vales, em particular o do rio Pele que domina em grande parte do seu curso e permite-lhe visualizar vários povoados castrejos, nomeadamente Santa Tecla e São Miguel-o-Anjo de Ruivães, São Bartolomeu e São Miguel-o-Anjo de Vermil, além do vizinho Castro de Vermoim.

O Castro das Eiras é de grandes dimensões e alguma complexidade urbanística. As dimensões, se definirmos uma orientação segundo um eixo que siga o seu comprimento máximo, sendo este intersectado em ângulo recto por um outro, temos o eixo principal, com cerca de 1100 metros de comprimento, orientado no sentido NE-SW, e balizado pelos taludes exteriores. O outro eixo, que cruza o primeiro no ponto central desta estação, orienta-se no sentido NW-SE, com um comprimento de cerca de 450 m. Estas dimensões definem o Castro das Eiras como uma das maiores estações castrejas conhecidas.



ALTO DAS EIRAS

O balneário no Castro das Eiras é um equipamento de prestígio pertencente a um grande castro construído já sob o domínio romano. A qualidade do talhe dos seus elementos decorativos, bem como a tipologia de alguns motivos, sugerem a existência de artesãos itinerantes.

O monumento do Alto das Eiras foi descoberto em 1880 por **Francisco Martins Sarmiento**, que descreveu uns restos de construção cónica igual à do «forno dos Mouros da Saia» (monumento que hoje é propriedade da Sociedade Martins Sarmiento, no Monte da Saia, em Barcelos).

Foi objecto de escavação em 1990, sob a direcção de F. Queiroga e A. P. Dinis, revelando uma estrutura arquitectónica, com átrio, antecâmara, câmara e fornalha, e decorações semelhantes às de outros balneários castrejos. A sua *pedra formosa*, infelizmente mutilada, destaca-se pela sua riqueza ornamental.

No Museu Nacional de Arqueologia, em Belém, Lisboa, foi feita a exposição *Pedra Formosa - Arqueologia Experimental em Vila Nova de Famalicão*, em parceria com a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e comissariada por Armando F. da Silva, da Universidade do Porto, com a colaboração da *Sociedade Martins Sarmiento*. (www.csarmiento.uminho.pt) O elemento central desta exposição foi uma reconstituição, em tamanho natural, do balneário do Castro das Eiras.



Localização, no canto superior esquerdo, do balneário do Castro de Briteiros.



Francisco Martins Sarmiento, um distinto cavalheiro com aspecto depressivo, foi um dos pioneiros da Arqueologia em Portugal. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi o arqueólogo da Citânia de Briteiros e Sabroso. O fruto dessas explorações encontram-se no museu com o seu nome, em Guimarães. Além de arqueólogo, este abastado burguês dedicou-se à Fotografia, à Poesia e colaborou em diversas revistas científicas.





Citânia de Sabroso ?



Citânia de Briteiros, Guimarães. Actualmente encontra-se exposta no Museu da Cultura Castreja, em São Salvador de Briteiros.

Castro das Eiras. Foto antiga.
(veja página 34)Castro de Borneiro, Galiza. *Pedra formosa*, sem decoração, do «monumento com forno» descoberto nas recentes escavações do castro (veja página 40).

Tongóbriga.

A Pedra Formosa ainda se encontra no balneário, in situ. (veja página 132)



«Monumento com Forno» do Castro de Punta dos Prados em Espasante, no concelho de Ortigueira.

Orixe. Foto: Pepe do Couto.

Pedra Formosa do Alto de Quintães

Dois fragmentos contíguos da *pedra formosa* do balneário do Alto de Quintães, na Póvoa de Lanhoso, estão expostos na Sala de Interpretação do Território, na Casa da Botica, na Póvoa de Lanhoso (Gerês).

O balneário do Alto de Quintães encontrava-se próximo do Castro de Calvos, demolido em 2000 e identificado por Pereira Dinis, em 2001.

Grande parte dos povoados castrejos aparentam não ter tido um balneário – ou o mesmo não é conhecido, na maior parte dos casos. Não é portanto seguro afirmar-se uma massificação da construção destes edifícios, que seriam, pelos menos nos povoados maiores (as citânias) um elemento fulcral do conjunto de construções proto-urbanas.

O *Castro de Calvos* evidencia a sua importância pela localização de um edifício de banhos, do qual apenas restam alguns fragmentos.

A *pedra formosa* do Alto de Quintães seria uma das mais profusamente decoradas, com motivos horizontais em 8, ladeando a passagem, frisos lisos definindo molduras laterais, um motivo em espinha conservado no rebordo lateral direito (com uma eventual simetria no rebordo esquerdo da peça original), precedido por uma decoração em sobreposições de SS confrontantes.

Sobre a passagem definia-se um aparente painel central liso, cuja decoração se desconhece. Pelas suas características, o balneário do Alto de Quintães, e a *pedra formosa* que o integrava, é um conjunto enquadrável nos balneários detectados na bacia do Ave, em que se incluem os da Citânia de Briteiros (Guimarães) e a do Alto das Eiras (Famalicão).

O Castro de Coaña. Coaña (Cuaña) pertence à Comunidad Autónoma del Principado de Astúrias. Tem por limites ao norte, o mar Cantábrico; ao sul Boal; a este, o rio Navia, que faz fronteira com Navia e Villayón, e a oeste El Franco. O Castro de Coaña (também chamado El Castrillon ou Castilón), está na freguesia de Vilacondide, perto do lugar de Porto, no concelho de Coaña, na zona ocidental das Astúrias. Está na margem esquerda do rio Navia, num pequeno outeiro sobre o rego Xarriou. Data do século I, perdeu importância a partir do século III. Foi o primeiro castro que se estudou nesta zona. Monumento Histórico Artístico. Visita livre.



CASTROS EM ESPANHA

Mesmo a Norte de Portugal, na vizinha Galiza, podemos visitar toda uma série de magníficos testemunhos da Cultura castreja. Nesta página, uma pequena selecção.



Foto: ph.

Do alto avista-se a Foz do Rio Minho e a costa atlântico. O Castro de Santa Tegra, descoberto em 1862, está consolidado parcialmente. O contorno do monte de Santa Tegra forma um sítio arqueológico, no qual se encontra o mais emblemático e visitado dos castros galegos. Monumento Histórico Artístico Nacional (Espanha) desde 1931. O castro teve ocupação continuada entre o século I a.n.E., pouco antes de começar a romanização da Galiza, e o século I n.E., e que a partir desse momento começou um lento processo de abandono. Visita paga.



CASTRO DE BAROÑA

O Castro de Baroña está situado em Baroña, Rias Baixas, costa da Galiza, Província da Coruña. Este assentamento castrejo foi construído sobre uma pequena península, situando-se a sua ocupação nos séculos I a.n.E. e I n.E. Possuía duas linhas de muralhas; conservam-se 20 habitações circulares ou alongadas. No istmo que une o povoado ao castro escavou-se um fosso de 4 por 3 metros, que constitui a primeira linha de defesa.

A muralha principal tem dois panos. Um deles, à direita, consiste de três muros que sobem graduados e o da esquerda é semelhante ao do istmo.

À direita da abertura de entrada houve um cubo defensivo e os muros estreitam-se, pelo que se

supõe que se fechava com uma porta. Possivelmente, a muralha contornava o castro quase completamente.

A entrada consiste numa rampa. A zona habitada estrutura-se em 4 áreas. Na primeira, à esquerda há uma construção na qual havia um banco corrido (ou um simples alicerce.)



Nela havia uma lareira, um furo para um poste e vários tijolos de barro. Em frente à porta da muralha há outras construções ovais com vestíbulo e outras que também podem ter sido de outra forma.

O sector seguinte está separado por um muro, que talvez servia para conter a terra, e passa-se a ele subindo umas escadas, as melhor conservadas dos castros galegos. Distinguem-se um «bairro» de casas que delimita uma «praça» protegida do vento. Localização nos Google Maps: <https://maps.google.es/maps>

Fotos: ph.

CASTRO DE BORNEIRO, GALIZA

O Castro de Borneiro é um povoado da Cultura castreja, situado na Galiza. Foi habitado entre os séculos VI a.n.E. e I n.E. Nele não se observaram sinais de Romanização.

A sua localização é um tanto atípica, numa ladeira orientada a leste que baixa para um regato, a uma altura de 200 metros. Tem sido objecto de escavações arqueológicas e trabalhos de consolidação que permitem a sua visita.

Também conhecido como A Cibdá, está situado na paróquia de Borneiro no concelho corunhês de Cabana de Bergantiños, a 500 metros da estrada LC-430, Ponteceso a Baio, paróquia do concelho de Zas.

Foi o primeiro castro galego a ser datado com o método do Carbono 14. Descoberto em 1924 pelo geógrafo Isidro Parga Pondal e Pérez Bustamante, começou-o a escavar, na década de 1930, Sebastián Gonzalez García-Paz, ao que se seguiram novos estudos nos anos 70 (por Jorge Juan Eiroa), tendo sido na década de 1980 que se realizaram as escavações mais detalhadas dirigidas por Ana Romero Masiá.

Nelas encontraram-se fragmentos de cerâmica indígena, instrumentos de bronze e ferro, mós de pedra, fusaiolas, fíbulas, moldes de fundição e contas de vidro, hoje expostos mais a Norte, no *Museo*

Arqueolóxico da Coruña, na cidade de A Coruña. <http://www.ctv.es/USERS/sananton/>

Na actualidade apresentam-se escavados um total de 36 construções (quase três quartas partes da sua extensão total).

A acrópole está rodeada por um fosso e dois muros defensivos em todo o seu perímetro, excepto no lado leste onde a acentuada pendente do terreno serve como defesa natural, com uma exten-

são de 90 m de comprimento por 55 m de largura. Além do recinto principal, há um «Bairro Extra-muros», no lado leste, coincidindo com a entrada principal do povoado. É um conjunto formado por uma grande casa ovalada, duas fontes com desagudouro e um forno circular que deveria estar coberto com uma abóbada.

As casas são circulares e quadrangulares com as esquinas arredondadas, destacando-se o seu grande tamanho em comparação com as de outros sítios castrejos. <https://maps.google.es/maps>

